



**A PRESENÇA FEMININA NO MERCADO DE CAPITAIS:
UMA ANÁLISE NA REGIÃO NOROESTE DO RIO GRANDE DO SUL**

Filipe Sartori Santos¹
Ana Luisa Borsatto²
Sandra Regina Albarello³
Argemiro Luis Brum⁴
Daniel Knebel Baggio⁵

Resumo: A participação feminina no mercado de capitais tem aumentado de modo significativos nos últimos anos, mas ainda enfrenta desafios estruturais e culturais que limitam seu pleno desenvolvimento. Este estudo busca analisar os principais fatores que influenciam a inserção das mulheres nesse ambiente, identificando barreiras e oportunidades para uma maior equidade de gênero. A pesquisa adota uma abordagem quantitativa e qualitativa, utilizando levantamento bibliográfico e aplicação de questionários com investidoras para compreender suas percepções, dificuldades e estratégias no mercado financeiro. Os resultados indicam que a falta de educação financeira, o preconceito de gênero e a escassez de redes de apoio são desafios significativos enfrentados pelas mulheres. Conclui-se que a adoção de algumas medidas pode contribuir para a redução da desigualdade de gênero no mercado de capitais, promovendo maior inclusão e participação feminina no setor.

Palavras-chave: mulheres no mercado de capitais, equidade de gênero, educação financeira, diversidade corporativa.

THE FEMALE PRESENCE IN THE CAPITAL MARKET:

AN ANALYSIS IN THE NORTHWEST REGION OF RIO GRANDE DO SUL

Abstract: *The participation of women in the capital market has increased in recent years, yet structural and cultural challenges still hinder their full development in this sector. This study aims to analyze the main factors influencing women's inclusion in this environment, identifying barriers and opportunities for greater gender equity. The research adopts both quantitative and qualitative approaches, using bibliographic review and survey questionnaires with female investors to understand their perceptions, challenges, and strategies in the financial market. The results indicate that the lack of financial education, gender bias, and the scarcity of support networks are significant obstacles faced by women. In response, this study proposes initiatives such as expanding financial education programs, encouraging the creation of mentoring networks, and developing corporate policies focused on diversity. The findings suggest that implementing these measures can contribute to reducing gender inequality in the capital market, fostering greater inclusion and female participation in the sector.*

Keywords: *women in the capital market, gender equity, financial education, corporate diversity.*

¹Estudante de Administração de Empresas e bolsista de iniciação científica PIBIC/UNIJUÍ. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-0578-1990>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8767646712552815>. E-mail: filipe.santos@sou.unijui.edu.br

²Mestranda em Desenvolvimento Regional UNIJUÍ. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9796-0451>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2053252943596898>. E-mail: ana.borsatto@sou.unijui.edu.br

³Mestrado em Desenvolvimento, Gestão e Cidadania pela UNIJUÍ - Área Gestão de Organizações. Rua do Comércio, 3000 - Universitário, Ijuí, RS CEP 98704-330. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3179-7262>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3749301620015034>. E-mail: sandrar.albarello@gmail.com

⁴Doutorado em Economia Internacional. Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales. Rua do Comércio, 3000 - Universitário, Ijuí, RS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8763-9514>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3190779082415189>. E-mail: argelbrum@unijui.edu.br

⁵Doutorado em Contabilidade e Finanças. Universidad de Zaragoza. Rua do Comércio, 3000 - Bairro Universitário, Ijuí, RS, CEP 98700-000. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6167-2682>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4185695953545371>. E-mail: baggiold@unijui.edu.br



1 Introdução

A desigualdade de gênero é uma realidade persistente em diversas esferas globais, com projeções alarmantes indicando que a igualdade salarial entre homens e mulheres pode demorar até 170 anos para ser alcançada. Nos Estados Unidos, por exemplo, uma análise de 449 ocupações revelou que, em 439 delas, as mulheres recebem menos que os homens, ganhando em média apenas 78 centavos para cada dólar recebido por seus colegas masculinos. Globalmente, a situação é ainda mais preocupante, com a média de 50 centavos para cada dólar ganho por homens (Época negócios, 2017). Apesar de alguns avanços nos últimos anos, a desigualdade salarial de gênero permanece como um desafio estrutural no Brasil, refletindo padrões históricos e culturais que ainda precisam ser transformados para alcançar uma equidade plena no mercado de trabalho. Em 2022, o rendimento médio mensal das mulheres representava 78,9% do rendimento masculino. Já em 2023, estudos mostram que as mulheres receberam, em média, 20,7% menos que os homens, apontando um aumento na disparidade salarial em comparação ao ano anterior (Carneiro, 2024).

Além da disparidade salarial, a desigualdade de gênero se reflete em áreas críticas como a saúde e a educação. Entre 8% e 18% das mortes maternas no mundo resultam de abortos malsucedidos, predominantemente em países onde o aborto é criminalizado, forçando mulheres a recorrerem a métodos inseguros. No campo da educação, embora tenha havido progresso no acesso das mulheres à educação básica e superior, 121 milhões de crianças e adolescentes ainda estão fora da escola, afetando principalmente meninas em países em desenvolvimento. A prática do casamento infantil, embora tenha diminuído, ainda é uma realidade em várias regiões do mundo, perpetuando a desigualdade. O planejamento familiar é outro indicador significativo da desigualdade de gênero. No Afeganistão, 33% das mulheres desejam parar de ter filhos, mas são impedidas de acessar métodos contraceptivos seguros devido a normas culturais restritivas. Apenas 27% das mulheres no país utilizam algum tipo de contracepção, e a média de filhos por mulher é de cinco. A disparidade também se manifesta na divisão do trabalho doméstico e no acesso a direitos trabalhistas, como a licença-maternidade. Em média, as mulheres italianas dedicam 22 horas semanais aos afazeres domésticos, um trabalho não remunerado que, globalmente, poderia gerar uma receita de 10 trilhões de dólares anuais, ou 13% do PIB mundial (Porfírio, 2020).

No que se refere à licença-maternidade, a situação varia drasticamente entre os países. Enquanto na Suécia são garantidos 480 dias de licença aos casais, incluindo casais homossexuais, nos Estados Unidos apenas 14% dos empregadores oferecem essa licença. No Brasil, o benefício é garantido por quatro meses no setor privado e seis meses no setor público, insuficiente diante do que é recomendado pela Organização Mundial da Saúde, que sugere seis meses de licença para amamentação. No contexto brasileiro, a desigualdade de gênero é particularmente acentuada entre



mulheres negras, que enfrentam maiores barreiras no acesso à educação e ocupam empregos menos qualificados e mal remunerados. Em um ranking, elaborado pelo Fórum Econômico Mundial, que avaliou 144 países, o Brasil ocupa a 90ª posição, cristalizando uma queda significativa em relação ao 79º lugar em 2016, o que destaca a urgência de ações concretas para reduzir essa disparidade (Porfírio, 2020).

A desigualdade de gênero é um desafio persistente em diversas áreas, conforme explicado anteriormente, e no setor financeiro essa disparidade é especialmente acentuada. Estudos recentes, como o conduzido pelo Centro de Estudos em Finanças da Fundação Getúlio Vargas (FGVcef), coordenado pela professora Claudia Yoshinaga, revelam que, apesar das mulheres trabalharem mais horas semanais, em comparação aos homens, elas continuam sub-representadas e sub-remuneradas no mercado de capitais brasileiro. O cenário é preocupante, com apenas 7% das posições de liderança ocupadas por mulheres, o que aponta para a existência de barreiras estruturais e culturais que dificultam a ascensão feminina nesse setor. O estudo, que contou com a participação de 214 profissionais do mercado financeiro, buscou entender os motivos por trás do baixo número de mulheres no mercado de capitais, explorando não apenas as dificuldades enfrentadas para ingressar na área, mas também os desafios para crescer e se consolidar em posições de destaque. Questões como o impacto da formação acadêmica, as influências familiares e sociais, e as condições de trabalho foram analisadas para identificar os fatores que contribuem para a perpetuação dessa desigualdade (Checon; Gomes; Yoshinaga; 2023).

Diante desse contexto, é fundamental investigar o que explica a baixa presença feminina no mercado de capitais e quais ações podem ser implementadas para reverter essa situação. A resposta a essa questão é crucial para promover um ambiente mais equitativo e inclusivo, onde o talento e a competência sejam os principais critérios para o sucesso, independentemente do gênero.

Para a realização do presente estudo, desenvolveu-se uma pesquisa de campo buscando compreender o contexto e a percepção dos sujeitos da pesquisa, no que tange a inserção de mulheres no mercado de capitais. Esta pesquisa incorporou dados provenientes de diversos perfis, desde pessoas de baixa renda e pouca educação, até pessoas com renda elevada e pós-graduação completa, incluindo até mesmo profissionais da área de investimentos, proporcionando uma visão mais ampla e atualizada sobre como os entrevistados percebem a atuação de mulheres no mercado de capitais. Além disso, foram utilizadas bibliografias para enriquecer a análise e garantir uma abordagem abrangente. Essa combinação de dados e referências diversificadas permite uma compreensão mais profunda e precisa do tema.

Para realizar uma análise mais detalhada sobre a percepção dos entrevistados em geral, em relação a presença de mulheres como profissionais e ou investidoras no mercado de capitais, buscou-se identificar as características pessoais como gênero, grau de instrução, idade e renda para

que assim fosse possível compreender, de maneira mais completa, as diferentes percepções conforme o contexto individual ou coletivo. O questionário foi elaborado com base em estudos anteriores, garantindo que as perguntas fossem relevantes e direcionadas para entender as percepções de gênero, e para validar e complementar os dados obtidos, entrevistando profissionais de RH, investidores e outras partes interessadas.

Esses critérios asseguram as condições necessárias para utilizar a pesquisa de forma eficaz, proporcionando uma compreensão aprofundada dos estereótipos de gênero no mercado financeiro. O objetivo geral deste estudo, portanto, foi o de analisar a percepção dos entrevistados sobre a presença das mulheres no mercado de capitais brasileiro. Além disso, busca-se identificar o perfil dos respondentes, com destaque para as características das mulheres, e compreender as formas como o grupo entrevistado realiza seus investimentos.

A pesquisa também buscou investigar os fatores que contribuem para a baixa participação feminina nesse mercado e, por fim, propor recomendações que incentivem e ampliem a presença das mulheres no mercado de capitais. Este estudo está estruturado em cinco sessões, iniciando pela introdução, seguido da metodologia na qual apresenta-se a abordagem e os procedimentos de coleta e análise de dados; na sessão seguinte são apresentados e analisados os dados coletados, buscando cruzá-los com demais informações já disponibilizadas no mercado, e por fim, as considerações finais do estudo, onde identificou-se haver a necessidade de ampliação de estratégias e fomento para capacitação e atuação de mulheres no mercado.

2 Metodologia

Esta pesquisa possui natureza aplicada, uma vez que busca gerar conhecimentos que possam ser utilizados na prática, visando à resolução de problemas específicos identificados na realidade analisada. O estudo fundamenta-se em referencial teórico para embasar a formulação de soluções alternativas às questões investigadas (Zamberlan, 2016).

Optou-se por uma abordagem qualiquantitativa, combinando métodos quantitativos e qualitativos, de modo a integrar diferentes perspectivas na análise dos dados. A pesquisa apresenta um caráter descritivo, pois tem como objetivo principal descrever as características da população estudada e compreender padrões e tendências relacionadas ao tema (Zamberlan, 2016). Minayo (2012) corrobora destacando que a abordagem qualiquantitativa é essencial em pesquisas nas ciências sociais e aplicadas, pois permite compreender não apenas os números, mas também os significados subjacentes às percepções dos indivíduos.

A coleta de dados foi conduzida em três etapas principais. Primeiramente, realizou-se uma revisão bibliográfica, a fim de analisar a literatura existente sobre o tema, permitindo o



aprofundamento teórico e a contextualização da pesquisa. Gil (2017) destaca que essa etapa fornece um embasamento teórico sólido, permitindo a contextualização do objeto de estudo. Em seguida, elaborou-se um questionário estruturado, desenvolvido pelos autores, com o objetivo de quantificar percepções e variáveis relevantes à investigação. Conforme afirma Creswell (2014), questionários estruturados são adequados para a coleta de dados em estudos quantitativos, pois permitem a mensuração de variáveis e a identificação de padrões.

Os participantes da pesquisa foram selecionados considerando sua inserção profissional em diferentes setores, bem como, variáveis como faixa etária, nível salarial e grau de instrução. Desse modo, a pesquisa utilizou um método de amostragem por conveniência, caracterizado pela seleção de participantes com base na facilidade de acesso. Conforme Creswell (2014), essa estratégia é amplamente adotada em pesquisas aplicadas devido à viabilidade e à limitação de recursos disponíveis. Além disso, Flick (2009) destaca que, ainda que a amostragem por conveniência não seja probabilística, pode ser considerada válida quando os participantes possuem características relevantes para os objetivos da pesquisa.

Desse modo o recorte utilizado consistiu-se por homens e mulheres, ativos no mercado de trabalho, que estão nos setores de bancos de investimento, mercados de capitais e serviços financeiros, na região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. A idade dos entrevistados é variada, desde jovens adultos até idosos, independente da área exercida dentro do mercado financeiro, sendo obtido um total de 64 respostas.

Além da aplicação do questionário, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, buscando aprofundar a compreensão das percepções e experiências individuais dos respondentes. Essa abordagem qualitativa permitiu captar nuances subjetivas e contextuais do fenômeno investigado. A análise e interpretação dos dados foram conduzidas com base na técnica de análise documental, permitindo a identificação de padrões emergentes e relações entre os dados coletados. Essa estratégia possibilitou uma visão integrada e aprofundada do fenômeno em estudo, contribuindo para a reflexão teórica e a aplicabilidade prática dos achados. O questionário utilizado para a coleta de dados encontra-se anexo a este documento.

3 Referencial teórico

O baixo número de profissionais mulheres no mercado de capitais pode ser explicado por uma combinação de fatores históricos, culturais e estruturais. Historicamente, o mercado financeiro tem sido dominado por homens e conseqüentemente tem-se uma grande ausência de mulheres em posições de liderança no setor financeiro, o que pode desmotivar outras mulheres a ingressarem neste mercado. A diversidade de gênero pode levar a uma maior inovação e melhores



decisões empresariais, mas isso está longe de acontecer nesse campo, pois as mulheres ainda enfrentam barreiras no acesso a oportunidades de crescimento e desenvolvimentos profissional, além de muitas delas enfrentarem dupla jornada de trabalho, combinando carreira e responsabilidades domésticas. Portanto, promover a inclusão de mulheres no mercado de capitais é essencial porque a diversidade de gênero traz diferentes perspectivas, aumentando a inovação e a eficácia na tomada de decisões. Empresas com maior diversidade tendem a ter melhor desempenho financeiro, atraindo e retendo talentos.

3.1 Crescimento da Participação Feminina no Mercado de Capitais e Estereótipos de Gênero

Nos últimos anos, o mercado financeiro brasileiro tem registrado um aumento na participação de mulheres investidoras. De acordo com o estudo "Raio X do Investidor Brasileiro", da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima), em parceria com o Datafolha, a proporção de mulheres no mercado de investimentos subiu de 28% em 2021 para 33% em 2022. Esse movimento reflete uma tendência global, evidenciada por uma pesquisa de 2022 que identificou que 48% das mulheres investidoras começaram a aplicar recursos nos últimos dois anos. Apesar desse crescimento, as mulheres ainda enfrentam desafios consideráveis para se consolidarem como investidoras (Benvenuto, 2024).

Entretanto, mesmo com o crescimento apresentado, o gênero feminino continua sub-representado. Os estereótipos de gênero são um dos principais fatores que explicam o baixo número de mulheres no mercado de capitais. No mercado financeiro, há uma percepção histórica de que homens são mais aptos para lidar com investimentos e decisões financeiras arriscadas, o que reforça a sub-representação feminina. De acordo com o estudo conduzido por Yoshinaga et al. (2023), o mercado financeiro é tradicionalmente dominado por homens, o que leva à perpetuação de uma cultura corporativa que valoriza traços considerados "masculinos", como agressividade e competitividade, em detrimento de qualidades associadas a mulheres, como cooperação e empatia. Isso impacta diretamente a forma como as mulheres são percebidas e sua capacidade de ascensão dentro do setor.

Além disso, pesquisas mostram que as mulheres enfrentam preconceitos quanto à sua competência técnica e capacidade de tomar decisões financeiras eficazes, levando a uma desconfiança em sua atuação profissional (Época Negócios, 2017). A presença de estereótipos também influencia a maneira como as mulheres são avaliadas em entrevistas de emprego e nas promoções, comumente sendo preteridas para cargos de liderança ou que envolvam maior tomada de risco.



A implementação de políticas de igualdade de gênero e diversidade, nas empresas, tem sido apontada como uma das estratégias mais eficazes para reverter o cenário de sub-representação feminina no mercado de capitais. Muitas empresas e instituições financeiras, ao redor do mundo, têm adotado práticas que promovem a inclusão, como a criação de programas de mentoria voltados exclusivamente para mulheres e a aplicação de políticas de recrutamento, que favoreçam a diversidade de gênero (Porfírio, 2020).

No entanto, no Brasil, as iniciativas ainda são insuficientes e, muitas vezes, limitam-se a declarações formais sem impacto real. Estudos como o de Checon, Gomes e Yoshinaga (2023) destacam que, apesar de algumas políticas estarem em vigor, faltam medidas concretas e monitoramento para garantir que as mudanças sejam implementadas de forma consistente. As empresas que investem de fato em diversidade têm relatado benefícios, como aumento na inovação e na produtividade, além de uma melhoria no clima organizacional.

Rachel Maia ressalta que a equidade de gênero não é apenas uma questão de justiça social, mas também de melhoria das condições econômicas do país. Estudos indicam que o aumento da participação feminina pode gerar um impacto positivo no PIB. Entretanto, a inserção das mulheres no mercado financeiro ainda é limitada por uma série de fatores. Segundo pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV), apenas 11% das mulheres são certificadas pela CFA (Chartered Financial Analyst), o que restringe suas oportunidades no setor. Além disso, apenas 16% das CEOs, entre os 50 maiores bancos comerciais, são mulheres, refletindo uma carência de representatividade feminina em cargos de liderança (Maia, 2024).

3.2 Educação financeira

Outro fator que contribui para a baixa participação das mulheres no mercado de capitais é a diferença na educação financeira entre os gêneros. Estudos apontam que, desde cedo, meninos e meninas são educados de maneiras diferentes quando o assunto é dinheiro e investimentos. Enquanto os meninos são incentivados a tomar riscos e a pensar em estratégias de acumulação de riqueza, as meninas muitas vezes são ensinadas a serem mais conservadoras e a evitar riscos (Épocas negócios, 2017).

Essa diferença na educação financeira reflete-se na vida adulta. Mulheres tendem a investir menos e de forma mais conservadora do que os homens, o que limita suas oportunidades de crescimento patrimonial e, conseqüentemente, sua participação ativa no mercado de capitais. Além disso, as mulheres frequentemente relatam sentir-se menos confiantes em relação a suas habilidades financeiras, o que pode ser atribuído a uma falta de acesso a informações e educação de qualidade (Porfírio, 2020). Inclusive, as mulheres que já estão inseridas no mercado financeiro,



tendem a adotar um perfil mais conservador, com menor frequência de negociações. No Brasil, elas realizam cerca de 27% menos operações que os homens, preferindo manter investimentos a longo prazo. Essa abordagem, menos impulsiva, gerou resultados ligeiramente superiores aos dos homens, entre 2011 e 2020, com uma média de 0,4% a mais de retorno, conforme estudo da Fidelity. Essa cautela pode ser atribuída a fatores hormonais, sociais e à maior preocupação com segurança e proteção do patrimônio (Benvenuto, 2024).

Por sua vez, o papel das mentorias e das redes de apoio é crucial para a ascensão das mulheres no mercado de capitais. Programas de mentoria oferecem às mulheres o suporte necessário para navegar em um ambiente predominantemente masculino, ajudando-as a desenvolver habilidades de liderança e networking, fundamentais para o progresso profissional (Checon; Gomes; Yoshinaga, 2023). Através dessas iniciativas, as mulheres têm a oportunidade de aprender com profissionais mais experientes, ganhar confiança em suas habilidades e ampliar sua rede de contatos, fatores essenciais para superar as barreiras estruturais que enfrentam.

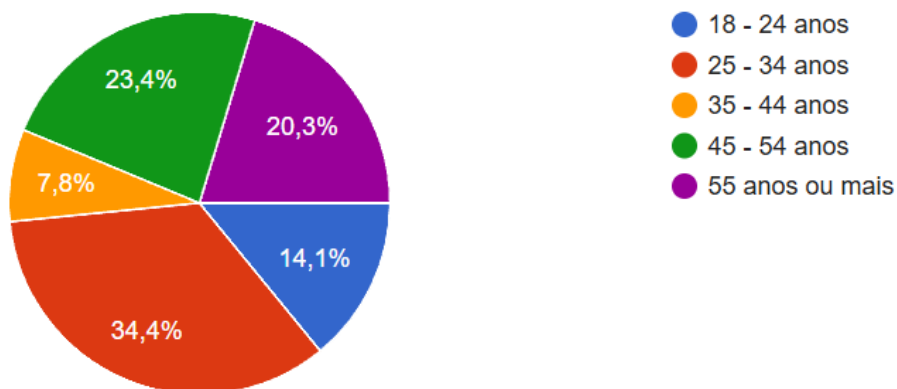
4 Resultados e discussões

A pesquisa de campo, a partir da aplicação de um questionário, contabilizou um total de 64 respostas, sendo 71,9% respostas do gênero feminino. As perguntas selecionadas abrangem critérios para identificação do perfil dos respondentes, como idade, renda, gênero, escolaridade e relação com o mercado de capitais. Posteriormente, busca-se mapear o contexto e cenário em que os respondentes estão inseridos, por meio de questões voltadas à acessibilidade do mercado para mulheres, assim como fatores que contribuem ou dificultam o acesso, para compreensão sobre a percepção destes em relação a presença feminina no mercado de capitais. Por fim, foram destacados tópicos voltados para quais ações deveriam ser tomadas para aumentar o número de mulheres nessa área.

4.1 O perfil geral dos respondentes

Buscando compreender o perfil dos participantes da pesquisa, observou-se haver uma variação significativa na faixa etária dos respondentes, mas com um público predominante jovem entre 18 e 34 anos, representado por 48,5% dos respondentes. Também pode-se perceber um equilíbrio entre o total de respondentes que correspondem a faixa etária dos 45 a 54 anos, e os respondentes entre de 55 anos ou mais, conforme o gráfico 1, representando 23,4% e 20,3% respectivamente.

Gráfico 1 - Idade dos participantes

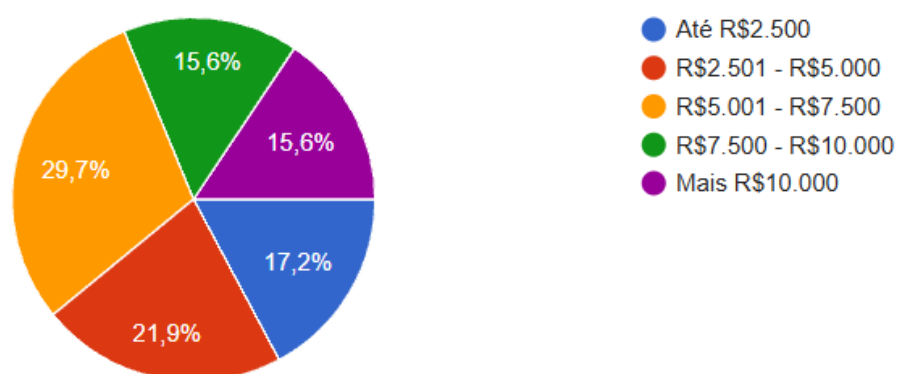


Fonte: Elaboração própria com base em pesquisa de levantamento em 2024

Segundo o IBGE (2024), no 2º trimestre de 2024, a população em idade para trabalhar no Brasil era majoritariamente composta pelos grupos de 25 a 39 anos (29,0%) e 40 a 59 anos (32,1%). Jovens de 18 a 24 anos somavam 12,4%, e as mulheres representavam 51,7% desse total. A distribuição etária dos participantes da pesquisa reflete esses dados, com predominância de respondentes entre 25 e 54 anos, superando 65% do total.

Ao analisar a renda mensal dos participantes da pesquisa, identificou-se que 39,10% dos entrevistados, possui renda de até R\$ 5.000,00 mensais. Sendo assim, destaca-se que mais de 60% dos respondentes apresenta ganhar pelo menos R\$ 5.000,00, sendo considerada uma renda elevada, ao ser comparado ao valor de R\$ 3.137,00 o qual hoje representa a média salarial brasileira conforme o Ipea (2024). Abaixo, é possível observar a distribuição por faixa salarial

Gráfico 2 - Renda média dos participantes

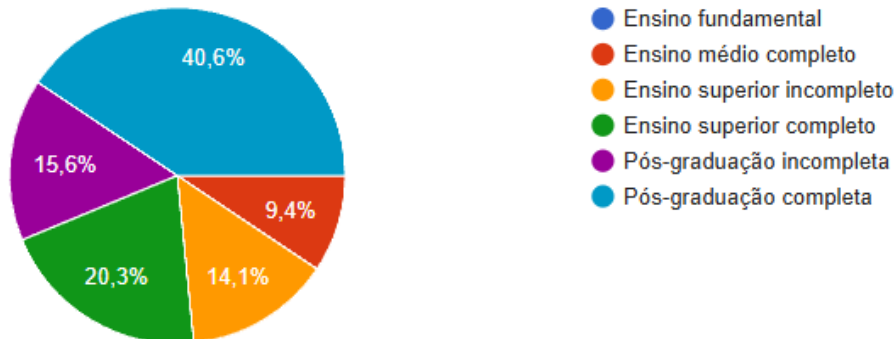


Fonte: Elaboração própria com base em pesquisa de levantamento em 2024

Buscando ainda compreender melhor o perfil dos sujeitos da pesquisa, analisou-se o grau de escolaridade destes. Quanto ao grau de escolaridade, o público selecionado por conveniência apresenta um elevado nível educacional, com quase metade dos questionários respondidos por

pessoas com pós-graduação completa, representando 40,6% dos respondentes, conforme o gráfico 3.

Gráfico 3 - Grau de escolaridade dos participantes

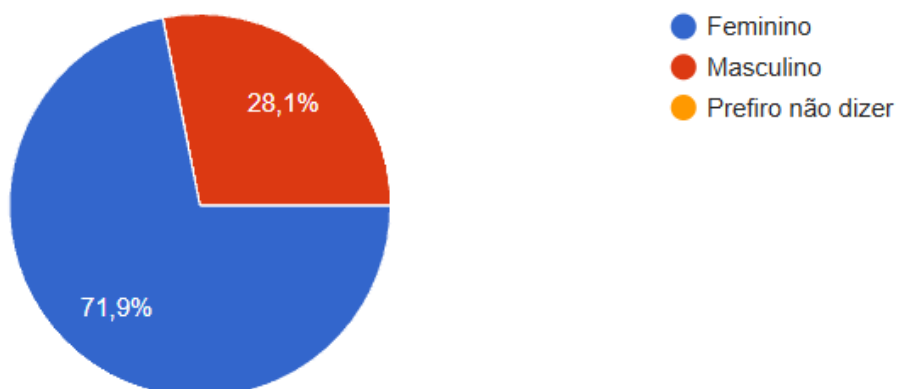


Fonte: Elaboração própria com base em pesquisa de levantamento em 2024

Por sua vez, os dados apontam que 76,5% dos respondentes apresentam pelo menos ensino superior completo, ao se somar os respondentes com ensino superior completo, pós-graduação incompleta e pós-graduação completa.

A respeito do gênero dos participantes, como a pesquisa é voltada para entender a mulher no mercado de capitais, a maior parcela do público entrevistado foi feminino, todavia optou-se por coletar algumas opiniões masculinas a fim de contrabalancear as respostas.

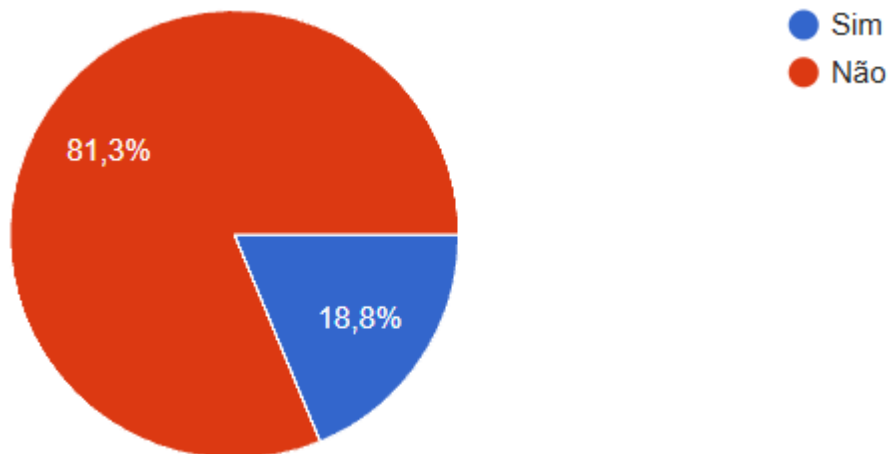
Gráfico 4 - Gênero dos participantes



Fonte: Elaboração própria com base em pesquisa de levantamento em 2024

Também se analisou a relação profissional com o mercado de capitais, todavia apenas uma pequena parcela trabalha ou trabalhou em algum momento nessa área. Observa-se que dentre os 18,8% dos respondentes que atuam no mercado financeiro, 66% destes, possuem idade entre 25 e 54 anos, corroborando com os dados identificados anteriormente em relação a trabalhadores em idade ativa.

Gráfico 5 - Relação profissional com o mercado de capitais



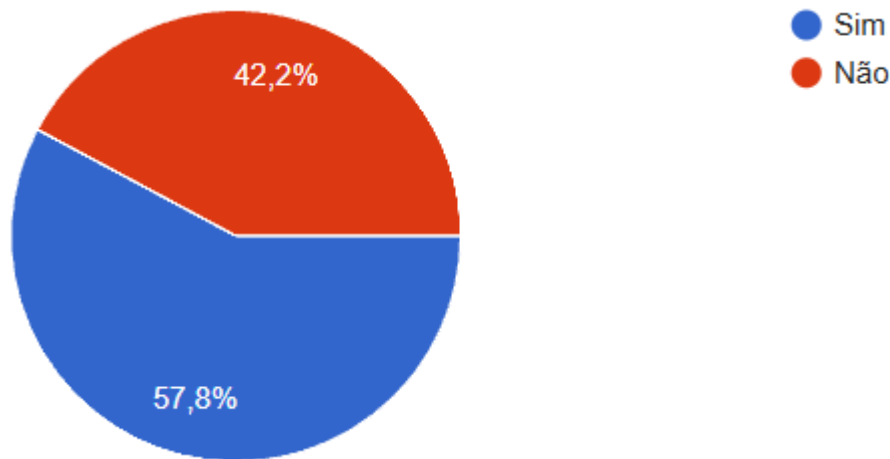
Fonte: Elaboração própria com base em pesquisa de levantamento em 2024

Quanto aos profissionais que atuam no mercado financeiro, destaca-se que todas as mulheres possuem ensino superior completo, seis delas possuem pós-graduação completa e uma possui pós-graduação ainda em andamento, demonstrando que todas elas já receberam algum tipo de educação de nível superior.

4.2 Cenário e percepção do mercado de capitais

Por outro lado, ao analisar a quantidade de pessoas que já receberam algum tipo de educação relacionada a investimentos, assim como se a pessoa já realizou algum tipo de investimento no mercado de capitais, constatou-se um número muito positivo, onde 57% dos respondentes afirmam já ter recebido educação relacionada à área. Ainda, observa-se que maior parte que já receberam algum tipo de treinamento acaba por realizar investimentos, o que leva a inferência da educação financeira como um elemento essencial para a realização de investimentos.

Gráfico 6 - Participantes que já receberam educação voltada para investimentos



Fonte: Elaboração própria com base em pesquisa de levantamento em 2024

De modo geral, a carência de educação financeira no Brasil revela dados preocupantes que impactam diretamente a economia doméstica das famílias. Segunda pesquisa realizada pelo SPC Brasil e CNDL, 45% dos brasileiros não controlam suas próprias finanças, e entre aqueles que o fazem, 59% enfrentam dificuldades, principalmente devido à falta de disciplina em registrar gastos e rendimentos regularmente (CNDL, 2018). Já em 2023, segundo a pesquisa "Pulso 2023" da Ipsos, 61% dos brasileiros não conseguem guardar dinheiro para investimento ou poupança, enquanto 34% conseguem fazer uma reserva e 5% dos participantes não souberam ou não responderam à questão.

Ao realizar o cruzamento de dados entre idade e educação identificou-se que as mulheres receberam mais treinamentos voltados para finanças do que os homens, assim como as gerações mais novas de mulheres tendem a ter uma educação maior voltada para investimentos.

Feminino:

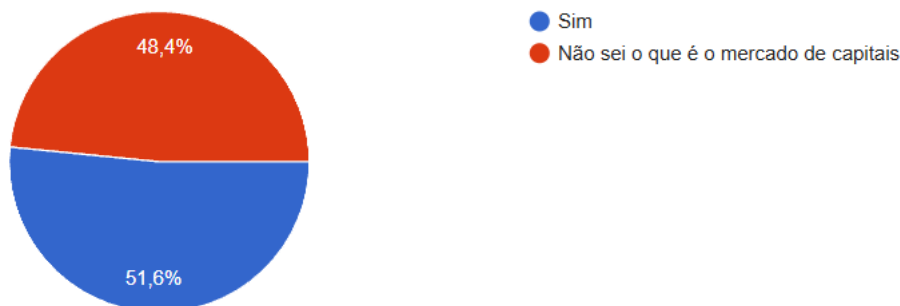
- 18 a 24 anos: 67% afirmam ter recebido educação financeira, indicando um interesse precoce pelo tema.
- 25 a 34 anos: 62% das mulheres nessa faixa etária receberam algum tipo de educação em investimentos, mostrando uma alta conscientização financeira nessa fase da vida.
- 55 anos ou mais: 54% das mulheres nesse grupo também receberam treinamento, sugerindo que a educação financeira é valorizada por diversas gerações.

Masculino:

- 25 a 34 anos: 58% dos homens receberam algum tipo de formação em investimentos, um pouco abaixo do percentual das mulheres dessa mesma faixa etária.
- 55 anos ou mais: Aproximadamente 52% afirmam ter recebido treinamento financeiro, sugerindo que o interesse em educação financeira é mais equilibrado entre gerações masculinas do que femininas.

Ao se buscar identificar o conhecimento dos respondentes quanto ao mercado de capitais, observou-se que quase metade dos respondentes (48,4% entre homens e mulheres) não sabem o que é mercado de capitais, o que reforça o sentimento da falta de educação financeira junto à população brasileira. A falta de conhecimento financeiro também se reflete no endividamento: 78,9% das famílias brasileiras estão endividadas, conforme a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência da Confederação Nacional do Comércio (CNC) (Arantes, 2024).

Gráfico 7 - Participantes que já investiram no mercado de capitais ou desconhecem o tema



Fonte: Elaboração própria com base em pesquisa de levantamento em 2024

Uma pesquisa do Ibope revelou que apenas 21% dos brasileiros tiveram educação financeira até os 12 anos de idade. Embora o Brasil tenha registrado um aumento no número de investidores nos últimos anos, a falta de educação financeira ainda representa um desafio significativo. A expansão de programas educativos é essencial para capacitar a população a gerir melhor seus recursos, reduzir o endividamento e promover uma cultura de investimentos mais sólida e consciente.

Em 2022, aproximadamente 36% da população brasileira possuía algum tipo de investimento financeiro, um aumento de 5 pontos percentuais em relação a 2021, o que representa cerca de 8 milhões de novos investidores, totalizando aproximadamente 60 milhões de pessoas (Anbima, 2023). De acordo com a XP Investimentos (2024), observou-se um crescimento expressivo no número de investidores em produtos de renda fixa, na B3, a bolsa de valores

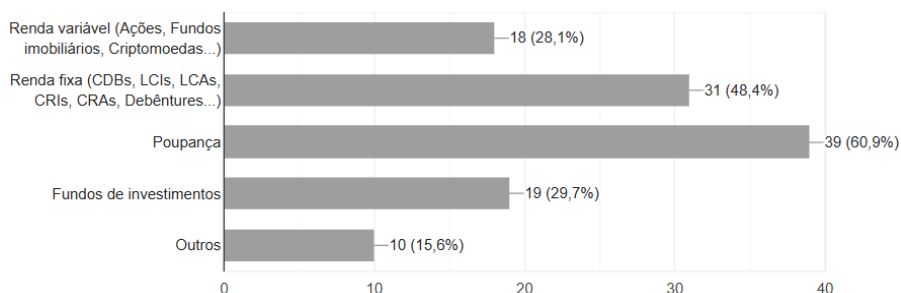
brasileira. No primeiro trimestre de 2023, o total de investidores nessa modalidade alcançou 15,3 milhões, um aumento de 4 milhões em 12 meses.

A pesquisa buscou compreender também o tipo de investimento realizado pela parcela que investe ou já investiu no mercado de capitais, onde a maior parte ainda se concentra em poupança (60,9%), demonstrando uma limitação quanto ao conhecimento do mercado. É importante ressaltar que, quanto maior é o conhecimento do indivíduo, maior será sua capacidade de seleção de ativos de risco em contrapartida da segurança (Lusardi; Mitchel, 2013).

Em 2024, segundo a Anbima, os investimentos dos brasileiros totalizaram R\$ 7,3 trilhões, um aumento de 12,6% em relação ao ano anterior. A distribuição desses investimentos ocorreu principalmente nas categorias de renda fixa, totalizando R\$ 4,32 trilhões (59,2% do total), com destaque para os Certificados de Depósito Bancário (CDBs), que cresceram 20,7%, atingindo R\$ 1,04 trilhão. Na renda variável, apesar de ter aumentado em comparação ao ano anterior, esse número é menor, representando R\$ 992,2 bilhões (13,6% do total), registrando um aumento de 1,3% em comparação a 2023. O número de investidores em renda variável alcançou 5,3 milhões, um crescimento de 6% em relação ao ano anterior. A previdência privada, também é um instrumento muito utilizado por brasileiros, registrando R\$ 1,23 trilhão (16,9% do total).

Além disso, os investimentos isentos de imposto de renda, como LCIs e LCAs, cresceram 15,5%, totalizando R\$ 1,24 trilhão. O Tesouro Direto também apresentou crescimento, alcançando três milhões de investidores em dezembro de 2024, um aumento de 22% em relação a 2023. Esses dados refletem uma tendência dos investidores brasileiros em buscar maior segurança e rentabilidade, especialmente em um cenário de taxas de juros elevadas (Garcia, 2025).

Gráfico 8 – Tipos de investimentos realizados pelos participantes



Fonte: Elaboração própria com base em pesquisa de levantamento em 2024

Apesar dos cenários refletirem uma tendência dos investidores brasileiros em buscar alternativas de investimento que ofereçam maior rentabilidade, especialmente em um contexto de taxas de juros elevadas, tornando produtos de renda fixa mais atrativos em comparação à poupança tradicional. Embora haja uma crescente diversificação nas escolhas de aplicações financeiras,



alguns dados apresentam a predominância da poupança como principal instrumento de investimento entre os brasileiros (Uol, 2025).

Os sujeitos desse estudo reforçam essa afirmação, onde pelo menos 60% utilizam a poupança como investimentos, seguido pela renda fixa, que se apresenta como uma alternativa segura e mais rentável em um contexto de taxas de juros elevadas. Na renda variável observou-se que 28,10% dos entrevistados já investiram ou investem nessa classe de ativos, onde destes pelo menos 83% (dos que investem em renda variável) responderam já ter recebido algum curso ou treinamento sobre investimentos. Além disso, todos possuem curso superior completo ou em andamento.

Segundo os dados provenientes da 7ª edição do Raio X do Investidor Brasileiro, pesquisa conduzida pela Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima) em colaboração com o Instituto Datafolha, no ano de 2023 a caderneta de poupança foi o instrumento de investimento mais utilizado no país, sendo adotado por 68% dos investidores, o que corresponde a aproximadamente 25% da população brasileira. A ampla adesão a essa modalidade pode ser atribuída a fatores como praticidade, segurança, estabilidade e facilidade de resgate dos valores aplicados. Observa-se que, embora a poupança ainda represente uma parcela significativa dos investimentos, seu crescimento foi mais modesto em comparação com outras modalidades, especialmente a renda fixa e a previdência. Além disso, dados do Banco Central indicam que, em 2024, houve um saldo líquido negativo de R\$ 15,5 bilhões na poupança, marcando o quarto ano consecutivo de retiradas superiores aos depósitos (Reuters, 2025).

Já na parcela que não realiza investimentos, os motivos principais ficam pela falta de recursos financeiros e falta de conhecimento. Isso pode ser explicado, em parte, pela falta de formação suficiente de boa parte da população brasileira, fato que leva à obtenção de empregos com baixa remuneração que, por sua vez, provoca falta de recursos financeiros. Ou seja, a falta de gestão dos recursos, devido à falta de emprego ou falta de remuneração adequada, se estabelece, em boa parte, pela falta de conhecimento devido a ausência do aprendizado em geral e na área em particular (Barros; Henriques; Mendonça, 2001).

Buscou-se compreender a percepção dos participantes relativa à acessibilidade do mercado de capitais para mulheres, visto que, embora o crescimento da participação feminina no mercado financeiro seja evidente, ainda há um caminho a percorrer para alcançar uma representatividade equitativa, especialmente em posições de liderança e áreas tradicionalmente dominadas por homens.

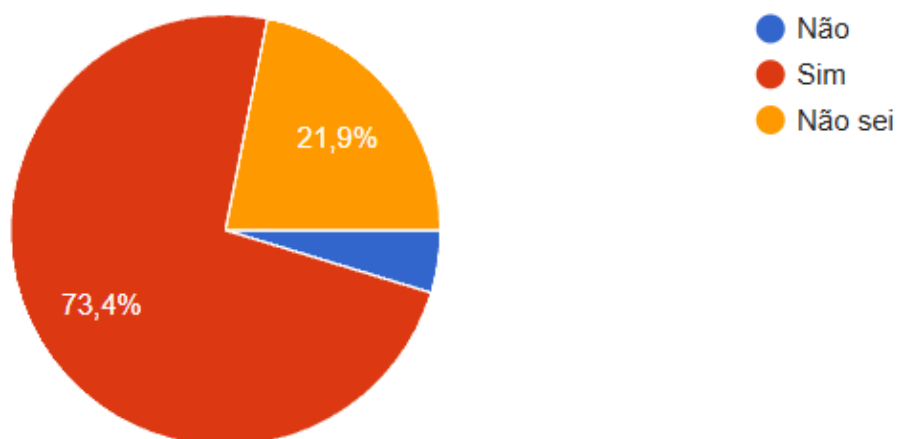
A representatividade feminina em cargos executivos, diretorias e conselhos de administração permanece restrita no contexto corporativo. De acordo com uma pesquisa conduzida pelo TradeMap, no período compreendido entre 2017 e 2022, observou-se um incremento de 78%

na ocupação dessas posições por mulheres. Contudo, apesar desse avanço, elas ainda correspondem a apenas 14,5% dos cargos de liderança em instituições de capital aberto no Brasil.

De acordo com um estudo realizado pela consultoria de Recursos Humanos Fesa Group, as mulheres ocupam 34% dos cargos de nível C (diretoria e vice-presidência) em instituições financeiras no país. A presença feminina é mais expressiva nas áreas de Recursos Humanos (62%), Relações Institucionais e Sustentabilidade (57%), Gestão Patrimonial (46,15%), Jurídico (45,95%) e Finanças (40%). Entretanto, em setores como Investment Banking, a representação feminina é de apenas 17% (Forbes, 2024).

A partir deste cenário, observa-se a percepção dos participantes da pesquisa quanto à acessibilidade para mulheres no mercado de capitais, em que 73,4% mostraram perceber um mercado acessível.

Gráfico 9 - Percepção dos participantes sobre a acessibilidade do mercado de capitais para mulheres



Fonte: Elaboração própria com base em pesquisa de levantamento em 2024

Ao serem cruzados os dados entre Escolaridade e Percepção de Acessibilidade para Mulheres no Mercado de Capitais, conclui-se que, quanto maior o grau de educação maior é a percepção que o mercado de capitais é acessível para o sexo feminino, sugerindo que pessoas com maior grau de escolaridade, podem apresentar uma visão mais holística conseguem perceber o movimento de profissionais presentes no mercado, independente do gênero. Observa-se por meio dos dados a seguir a percepção dos sujeitos da pesquisa, conforme escolaridade e gênero:

Feminino:

- Pós-graduação completa: 75% das mulheres com pós-graduação acreditam que o mercado é acessível para mulheres.

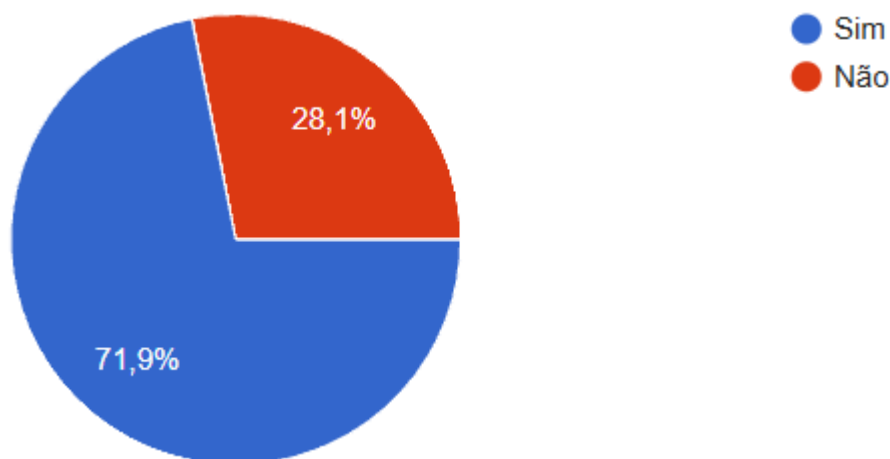
- Ensino médio completo: 50% das mulheres com ensino médio percebem o mercado como acessível.

Masculino:

- Pós-graduação completa: 68% dos homens com essa escolaridade acham que o mercado é acessível para mulheres, um pouco abaixo das mulheres com o mesmo nível de escolaridade.
- Ensino superior completo: Cerca de 60% compartilham essa visão positiva, mas a percepção de acessibilidade é menos frequente entre homens em comparação com as mulheres.

Para 71,9% dos respondentes o número de mulheres atuantes no mercado de capitais vem crescendo. Corroborando com esses dados a pesquisa realizada pela Anbima, em parceria com o Datafolha, onde observa-se um aumento no número de mulheres investidoras no país. Em 2023, 35% das mulheres entrevistadas declararam investir em algum tipo de produto financeiro, em comparação a 33% em 2022 e 28% em 2021. Embora esse crescimento indique uma maior participação feminina no mercado de investimentos, o público feminino ainda permanece abaixo do masculino, que manteve a mesma taxa do ano anterior, com 40% (Anbima, 2024).

Gráfico 10 - Percepção dos participantes sobre o crescimento da atuação feminina no mercado de capitais



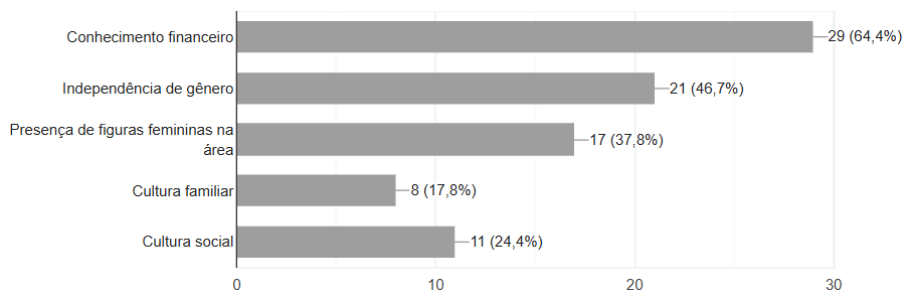
Fonte: Elaboração própria com base em pesquisa de levantamento em 2024

Nos últimos anos, o mercado de capitais brasileiro tem experimentado um crescimento significativo, impulsionado por diversos fatores que facilitaram o acesso e disseminação de informações sobre investimentos. Há uma tendência de maior democratização do mercado de capitais no Brasil. Uma pesquisa da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) revelou que 40%

dos participantes que começaram a investir entre 2015 e 2020, destacou que o meio digital, passou a ser principal canal de acesso a investimentos, bem como, meio de aprendizado. É válido destacar, que segundo a pesquisa, a maior parte dos investidores possui formação superior (Petterson, 2020).

Ao analisarem-se os fatores que contribuem para haver uma maior presença feminina no mercado de capitais, o principal motivo apresentado como responsável pelo crescente número de mulheres neste mercado foi à melhora no conhecimento financeiro, visto que, atualmente a busca pelo conhecimento e a acessibilidade de informações, estão disponíveis a todo o momento, tornando-se meio de aprendizado e disseminando a cultura e atuação feminina no mercado. É possível observar no gráfico 11 os fatores percebidos pelos respondentes.

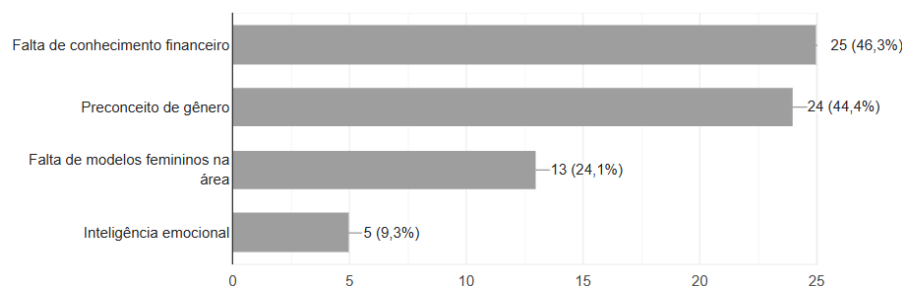
Gráfico 11 - Fatores percebidos como contribuintes para o aumento da presença feminina no mercado de capitais



Fonte: Elaboração própria com base em pesquisa de levantamento em 2024

Ainda, buscando compreender a atuação ou a falta dela, os principais motivos apresentados como responsáveis pela falta de mulheres neste mercado foi o baixo conhecimento financeiro, com 46,3% das respostas, juntamente com o preconceito de gênero, com 44,4% de respostas.

Gráfico 12 - Fatores percebidos como barreiras à presença feminina no mercado de capitais

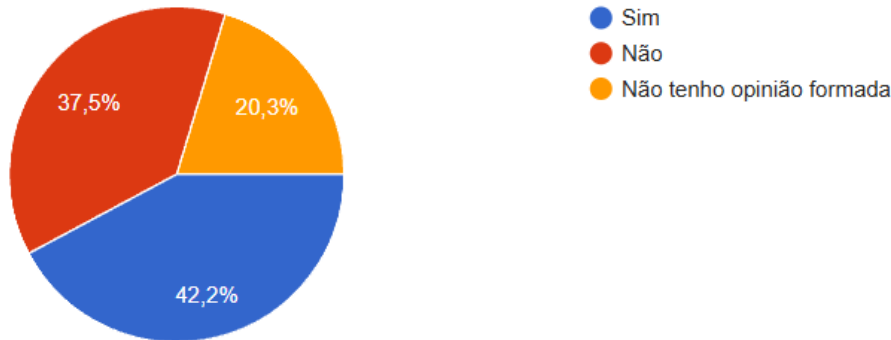


Fonte: Elaboração própria com base em pesquisa de levantamento em 2024

Na área de conhecimentos, foi analisada a relação entre a diferença técnica em ambiente profissional entre homens e mulheres. A maior parcela respondeu que percebe uma diferença, sinalizando a existência de uma disparidade entre o conhecimento adquirido e a atuação no mercado de capitais positiva para o gênero masculino. Todavia, o número de pessoas que

respondeu de forma negativa, ou sem opinião, supera o total de respostas em prol do lado masculino, demonstrando, talvez, uma falta de entendimento referente a pergunta, ou a análise não é de fácil percepção ao público amplo.

Gráfico 13 - Percepção sobre a existência de diferenças de conhecimento e atuação entre homens e mulheres no mercado de capitais

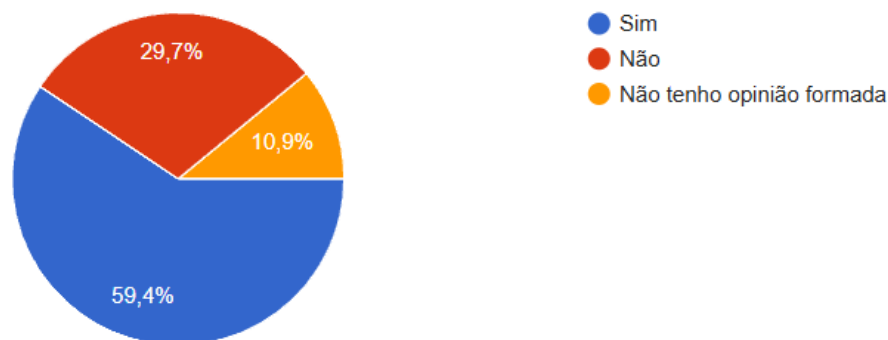


Fonte: Elaboração própria com base em pesquisa de levantamento em 2024

Embora a participação feminina no mercado financeiro tenha avançado, ainda há obstáculos que dificultam a ascensão profissional das mulheres. De acordo com a pesquisa realizada por Rodrigues (2021) 75%, das mulheres entrevistadas encontra-se em conflito com a dupla jornada entre o trabalho e o domicílio, ficando ainda mais evidente na pandemia, mais da metade das entrevistadas foram submetidas ao home office, em vista do isolamento social.

Na identificação da percepção quanto aos desafios enfrentados pelas mulheres, conforme é possível observar no gráfico abaixo, 59,4% respondentes afirma perceber que o gênero feminino enfrenta maiores desafios do que o masculino no mercado de capitais, o que corrobora com os motivos justificados pela baixa presença de mulheres no mercado.

Gráfico 14 – Percepção sobre as dificuldade de desafios enfrentados por mulheres no mercado de capitais em relação aos homens



Fonte: Elaboração própria com base em pesquisa de levantamento em 2024

Na análise de idade e percepção de desafios, quanto menor a idade maior a percepção dos desafios enfrentados por mulheres, independente do gênero do respondente. Isso sugere que pessoas de idade mais avançada não enxergam os mesmos desafios que pessoas mais jovens, ou talvez a interpretação do que é um desafio seja distinta entre as gerações.

Feminino:

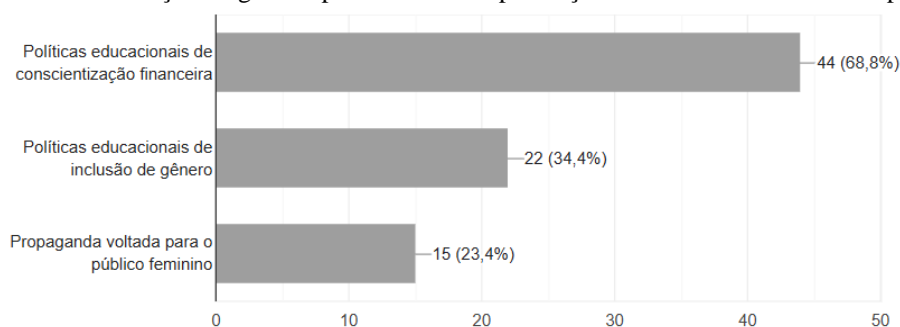
- 25 a 34 anos: 62% das mulheres dessa faixa etária acreditam que enfrentam desafios específicos no mercado.
- 55 anos ou mais: Aproximadamente 50% reconhecem esses desafios.

Masculino:

- 25 a 34 anos: 58% dos homens nesse grupo concordam que as mulheres enfrentam desafios distintos.
- 55 anos ou mais: a visão é dividida, com 48% reconhecendo os desafios e outros 52% com percepção neutra ou contrária.

Por fim, a análise foi concluída com o entendimento de quais ações poderiam ajudar a mulher a manter ou elevar sua presença no mercado. E a alternativa com mais respostas foi "Políticas educacionais de conscientização financeira", com 68,8% das respostas, indicando que o problema na verdade não é apenas referente a gênero, mas sim falta de educação financeira.

Gráfico 15 - Ações sugeridas para aumentar a presença feminina no mercado de capitais



Fonte: Elaboração própria com base em pesquisa de levantamento em 2024

Além de pesquisa que apontam para a forte necessidade de aumentar a educação financeira dos brasileiros, devido ao grande índice de endividamento, o mercado apresenta que 90% dos brasileiros reconhecem a necessidade de obter mais conhecimentos sobre educação financeira,



especialmente em resposta a crises econômicas que evidenciam a importância do planejamento financeiro (Portal Contábeis, 2021). Assim, fica evidente que a educação financeira é um instrumento essencial para aumentar o acesso e a diversificação nos investimentos, capacitando os indivíduos a gerenciar melhor seus recursos, evitar endividamentos desnecessários e alcançar maior estabilidade econômica.

5 Considerações finais

A pesquisa revela um perfil bem amplo dos respondentes em termos de idade, renda, escolaridade e experiência com o mercado de capitais. Observa-se uma predominância de pessoas entre 25 e 34 anos e uma representatividade equilibrada entre faixas de renda, com destaque para uma parcela significativa com renda mensal entre R\$ 5.001,00 e R\$ 7.500,00. Em termos de escolaridade, a maioria possui ensino superior completo ou pós-graduação, indicando um público bem instruído e, em sua maioria, feminino, já que o estudo foca na atuação de mulheres no mercado financeiro.

Em relação ao mercado de capitais, a educação financeira mostrou-se um diferencial relevante. A maior parte dos que investem já receberam algum tipo de educação sobre o tema. No entanto, a falta de conhecimento ainda é um obstáculo, com cerca de metade dos respondentes não sabendo o que é o mercado de capitais. Quando investem, os participantes tendem a optar pela poupança, revelando uma preferência por ativos de baixo risco, em parte devido à limitação de conhecimento.

A análise da acessibilidade do mercado de capitais revelou que a percepção de igualdade de oportunidades entre gêneros está em crescimento, alinhando-se a dados que indicam um aumento no número de mulheres investindo. Embora a maioria perceba avanços, ainda são relatados desafios específicos enfrentados pelas mulheres, como preconceitos de gênero e barreiras de conhecimento. Curiosamente, a percepção de acessibilidade é maior entre respondentes com níveis educacionais mais elevados, sugerindo que o convívio em ambientes mais qualificados contribui para uma visão de mercado mais inclusiva.

O cruzamento de dados aponta tendências significativas, pois notou-se que mulheres mais jovens demonstram maior interesse por educação financeira, enquanto pessoas de menor renda, de ambos os gêneros, enfrentam dificuldades óbvias para iniciar investimentos. Além disso, mulheres com maior escolaridade percebem o mercado como mais acessível, e as gerações mais novas tendem a reconhecer mais os desafios enfrentados pelas mulheres. A pesquisa sugere que políticas de educação financeira são fundamentais para ampliar o acesso ao mercado de capitais, especialmente para mulheres. Esses programas podem reduzir disparidades de gênero e incentivar



uma participação feminina mais robusta, promovendo um ambiente de investimentos mais inclusivo e acessível para todos.

O estudo realizado permitiu atingir os objetivos propostos inicialmente, onde identificou-se o perfil geral dos respondentes, com um foco especial nas mulheres, assim como identificou-se que as principais razões justificadas nas respostas, para a baixa presença de mulheres no mercado de capitais, foram a falta de educação financeira e preconceito de gênero. Estes resultados vão ao encontro da literatura, onde Maia (2024) conclui que mudanças estruturais são essenciais para consolidar a diversidade de gênero no mercado financeiro. Guilherme Benchimol, fundador da XP Investimentos, corrobora essa visão ao afirmar que a ocupação do mercado financeiro pelas mulheres é uma "trajetória irreversível e inspiradora". Ele destaca os avanços alcançados pelas mulheres em um setor tradicionalmente masculino, mas reconhece que ainda há um longo caminho para alcançar o nível de representatividade desejado. Esses avanços, de acordo ainda com Maia (2024), são frutos de debates e lutas constantes, reforçando a relevância das mulheres para o desenvolvimento econômico do país, uma vez que representam uma força econômica significativa, com 104,5 milhões de indivíduos no Brasil, conforme o Censo de 2022.

A promoção da educação financeira por meio de programas é fundamental para empoderar mulheres com interesse no mercado de capitais. A implementação de políticas educacionais, focadas na conscientização financeira, desde o ensino básico, poderá ajudar na redução de diferenças de conhecimento e tornar o mercado mais acessível para todos. Alguns programas já existentes como "Educa+Mulher" lançado pelo Tesouro Nacional e Banco do Brasil em 2024, com foco em "mães solo" para construção de reservas financeiras para seus filhos; bem como, o projeto do Sebrae "Brasil pra Elas" com foco em auxiliar Micro e Pequenas Empresas dirigidas por mulheres, são exemplos de ações que fomentam a inserção de mulheres tanto no mercado financeiro, como no empreendedorismo.

Visto que o cenário de atuação de mulheres ainda é pouco explorado no âmbito do mercado de capitais, observa-se uma necessidade na promoção de uma cultura e disseminação de ideias e oportunidades voltadas a este cenário. A criação de redes de apoio e conectando mulheres no mercado financeiro, pode ajudar a promover a troca de conhecimentos práticos, essenciais para superar os desafios técnicos do mercado de capitais. Ainda, para mitigar os preconceitos associados à presença feminina em áreas tradicionalmente dominadas por homens, como o mercado de capitais, campanhas de sensibilização em empresas e instituições financeiras podem criar um ambiente mais inclusivo e receptivo.

Essas medidas podem contribuir significativamente para criar um mercado de capitais mais acessível, igualitário e inclusivo. Ao investir na capacitação e no suporte contínuo às mulheres, o mercado não apenas tende a atrair uma base de investidores mais diversa, mas também fortalecerá

a economia como um todo, aproveitando o potencial completo de todos os seus participantes. Sugere-se em estudos futuros a ampliação do recorte de investigação, abrangendo um número maior de mulheres que atuam no mercado de capitais, bem como, mulheres que ocupam cargos de alto nível nas instituições de capital aberto.

6 Referências

- ANBIMA – Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais. Cresce o número de mulheres investidoras pelo segundo ano consecutivo, aponta ANBIMA. 2024. Disponível em: https://www.anbima.com.br/pt_br/imprensa/cresce-o-numero-de-mulheres-investidoras-pelo-segundo-ano-consecutivo-aponta-anbima-8A2AB28B8E112845018E191D31190A05-00.htm. Acesso em: 4 nov. 2024.
- ARANTES, Guilherme. Entenda a relação entre educação financeira e a economia familiar no Brasil. Disponível em: <https://movimentocerto.com/entenda-a-relacao-entre-educacao-financieira-e-a-economia-familiar-no-brasil/>. Acessado em: 03 abril. 2025.
- BARROS, R. P. de; HENRIQUES, R.; MENDONÇA, R. S. P. de. *A estabilidade inaceitável: desigualdade e pobreza no Brasil*. Repositório do conhecimento do IPEA, 2001. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/2003>. Acesso em: 3 nov. 2024.
- BENVENUTO, J. *Mulheres investidoras: quebrando barreiras financeiras*. Avenue, 2024. Disponível em: <https://avenue.us/blog/mulheres-investidoras/>. Acesso em: 15 set. 2024.
- CARNEIRO, P. IBGE: Desigualdade salarial entre homens e mulheres cai, mas elas ainda ganham 21,1% a menos que eles. Valor, 2024. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2024/03/08/ibge-desigualdade-salarial-entre-homens-e-mulheres-cai-mas-elas-ainda-ganham-211percent-a-menos-que-eles.ghtml>
- CHECON, B. Q.; GOMES, L. M. P. S.; YOSHINAGA, C. E. Desigualdade de gênero no mercado financeiro: uma verdade inconveniente. *Fundação Getúlio Vargas*, 2023. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/gvexecutivo/article/view/89646/84180>. Acesso em: 15 set. 2024.
- CRESWELL, John W. *Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*. 4. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2014.
- ÉPOCA NEGÓCIOS. 7 gráficos que explicam a desigualdade de gênero no mundo. 2017. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Vida/noticia/2017/09/7-graficos-que-explicam-desigualdade-de-genero-no-mundo.html>. Acesso em: 15 set. 2024.
- FLICK, Uwe. *An introduction to qualitative research*. 4. ed. London: SAGE Publications, 2009.
- FORBES. Mulheres ocupam 1/3 dos cargos C-Level no mercado financeiro. 2024. Disponível em: <https://forbes.com.br/carreira/2024/02/mulheres-ocupam-1-3-dos-cargos-c-level-no-mercado-financieiro-mostra-estudo/>
- GARCIA, N. Disparidade salarial cresce e mulheres ganham 20,7% menos que homens no Brasil. Folha de S. Paulo, 2024. <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2024/09/disparidade-salarial-cresce-e-mulheres-ganham-207-menos-do-que-homens-no-brasil.shtml>
- GARCIA, A. Renda fixa representa 60% dos investimentos brasileiros em 2024. Uol. 2025. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/mais/ultimas-noticias/2025/02/14/renda-fixa-representa-60-dos-investimentos-brasileiros-em-2024-diz-anbima.htm>
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- GOV. Educa+ Mulher: iniciativa de educação financeira para mulheres. Tesouro Nacional e Banco do Brasil, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/fazenda/pt-br/assuntos/noticias/2024/janeiro/bb-e-tesouro-nacional-lancam-acao-voltada-a-educacao-financieira-e-protexao-das-mulheres>. Acesso em: 18 nov. 2024.
- GOV. Programa Brasil Pra Elas: empreendedorismo feminino. Ministério da Economia, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/economia/pt-br/assuntos/noticias/2022/marco/programa-201cbrasil-pra-elas201d-anuncia-mais-credito-para-mulheres-empendedoras>. Acesso em: 18 nov. 2024.
- GOV. Programa Mulher Cidadã - Cidadania Fiscal para Mulheres. Ministério da Fazenda, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/secretariageral/pt-br/noticias/2023/novembro/governo-federal-lanca-estrategia-nacional-de-empendedorismo-feminino>. Acesso em: 18 nov. 2024.



IPEA. Renda média do trabalhador brasileiro cresce 4,0% no primeiro trimestre de 2024 na comparação com o primeiro trimestre de 2023. 2024. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/15092-renda-media-do-trabalhador-brasileiro-cresce-4-0-no-primeiro-trimestre-de-2024-na-comparacao-com-o-primeiro-trimestre-de-2023>. Acesso em: 18 nov. 2024.

PETTERSON, K. Primeiras análises de pesquisa da CVM revelam recente crescimento e popularização do mercado de capitais. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/cvm/pt-br/assuntos/noticias/primeiras-analises-de-pesquisa-da-cvm-revelam-recente-crescimento-e-popularizacao-do-mercado-de-capitais-3a832dd000be4d20a6a340fbb1f2a755>

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. The economic importance of financial literacy: theory and evidence. *National Bureau of Economic Research*, 2013. Disponível em: <https://www.nber.org/papers/w18952>. Acesso em: 3 nov. 2024.

MAIA, R. Mulher no mercado financeiro: o quanto avançamos? *Exame*, 2024. Disponível em: <https://exame.com/colunistas/rachel-maia/mulher-no-mercado-financeiro-o-quanto-avancamos/>. Acesso em: 15 set. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

PORFÍRIO, F. Desigualdade de gênero. *Brasil Escola*, 2020. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/desigualdade-de-genero.htm>. Acesso em: 10 set. 2024.

REUTERS. Saques de poupança no Brasil superam depósitos pelo quarto ano consecutivo. 2025. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/americas/brazils-savings-withdrawals-outpace-deposits-fourth-straight-year-2025-01-08/>

RODRIGUES, Giulia Marques. Os desafios enfrentados pela mulher no mercado de trabalho: um estudo com profissionais que atuam na área de finanças. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Contábeis)- Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

SANTOS, I. C.; VIEIRA, T. L.; SILVA, J. B. da. Mulheres e investimentos: uma análise do perfil das investidoras sergipanas. *Congresso de Gestão, Negócios e Tecnologia da Informação – CONGENTI*, [S. l.], 2021. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/congenti/article/view/13543>. Acesso em: 15 set. 2024.

ZAMBERLAN, Luciano. *Pesquisa em ciências sociais aplicadas*. Ijuí: Editora Unijuí, 2016. E-book. p. 94. ISBN 9788541902748. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788541902748/>. Acesso em: 15 out. 2024.